



O 'moralismo' está a matar a Europa

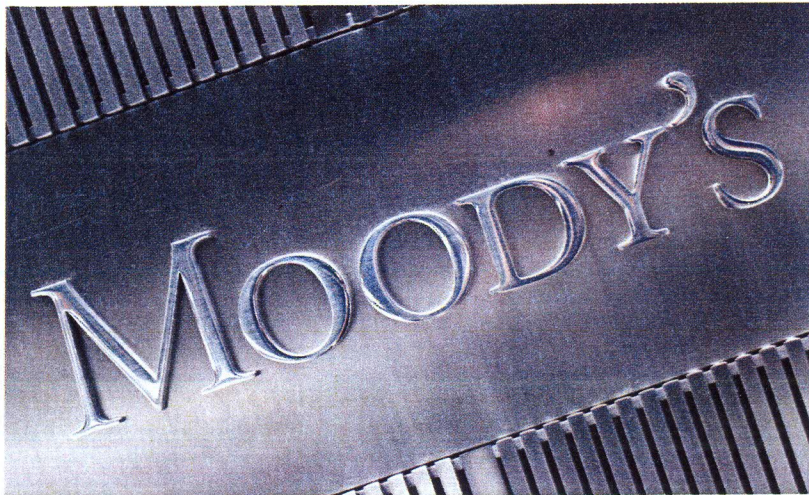
Desde o início desta angustiante crise europeia que duas escolas explicativas se têm confrontado no terreno tanto dos diagnósticos como na proposta de terapias. De um lado temos a escola, de longe dominante, que chamarei de «moralista». Do outro, aquela a que pertenço, e a que chamarei de «sistémica».

Os «moralistas» estão representados pela maioria esmagadora dos dirigentes dos países europeus com cotação de AAA pelas agências de notação financeira. Em Portugal também há moralistas, mas aqui trata-se não de uma diferença de personalidades, mas de uma diferença de temporalidades. Com efeito, até à queda do governo de Sócrates, Passos Coelho e Cavaco Silva eram sólidos moralistas. Agora, contudo, tendem a passar para o lado sistémico...

Como explicam os «moralistas» o que aconteceu à Europa? Essencialmente, a resposta baseia-se numa ênfase das fragilidades morais de atores políticos, sejam líderes ou povos. A corrupção dos governantes gregos, a alergia de Sócrates à verdade, as trapaças de Jardim, a preguiça de gregos e portugueses (dizem Merkel e Greenspan), a ganância dos banqueiros que emprestaram dinheiro a países inseguros e que agora não querem sofrer danos, etc.

A terapia proposta pela escola «moralista» é coerente com o seu diagnóstico: austeridade para os povos que viveram acima das suas possibilidades, tutela externa para os governos incompetentes que levaram os seus países à beira da falência, prioridade absoluta à estabilização das finanças públicas, mesmo que isso custe o perigo de miséria e implosão social, obrigação de

Um federalismo monetário sem federalismo político e financeiro, legitimado popular e constitucionalmente, é uma empresa condenada ao suicídio



aceitar *haircuts* nos seus créditos, por parte dos banqueiros irresponsáveis.

A ESCOLA «SISTÉMICA» TEM CHAMADO a atenção para o facto de que existe uma diferença abissal entre moral privada e ética pública. Isso não isenta de responsabilidades a abominável rede de interesses que se foi tecendo em torno das obras públicas e da irracionalidade do setor público empresarial, nem tão-pouco desculpa as perdas acumuladas de competitividade externa decorrentes de sucessivos erros de política económica, matéria em que não há inocentes. Mas a escola «sistémica» não comete o erro de fazer da culpa moral uma categoria absoluta. Não estamos a falar da relação entre dois sujeitos éticos, mas sim dos impactos de decisões individuais em sistemas económicos e políticos hipercomplexos, e com ramificações de grandeza astronómica. Na verdade, estamos a falar do impacto objetivo de decisões que se revelam, não tanto boas ou más, moralmente, mas sim certas ou erradas, politicamente.

A União Económica e Monetária sofre de um defeito genético, que mesmo numa Europa de anjos conduziria ao desastre. Uma União que arranca aos seus Estados-membros o poder soberano sobre a emissão de

moeda e sobre o seu valor (poder cambial), sem criar uma soberania partilhada nos domínios fiscal, orçamental e da governação económica, é uma quimera monstruosa. Um federalismo monetário sem federalismo político e financeiro, legitimado popular e constitucionalmente, é uma empresa condenada ao suicídio. É aqui, nas deficiências de *software* político e constitucional, que se encontra, para a escola «sistémica», tanto a raiz da crise europeia como a chave federal para a sua solução.

A ESCOLA «MORALISTA», QUE AINDA controla os centros de decisão europeia, deixou a crise espalhar-se a países como a Espanha e a Itália, e permitiu que a banca europeia esteja à beira de uma implosão em cadeia. Quando a França perder a sua classificação AAA, ainda em outubro, e as taxas de juro da dívida alemã começarem a subir em flecha, então até os teimosos huguenotes e luteranos que governam os nossos destinos vão compreender que a ética pública é uma coisa demasiado séria para ser entregue a moralistas. O que está em causa é tarefa para estadistas: a salvação pública de 500 milhões de europeus, a integridade dos seus bens e a segurança dos seus corpos. Mas, por este caminho, conduzidos por catequistas frustrados, até as nossas almas nos arriscamos a perder... ▽